



## XVI Jornadas Internacionais de História da Educação, Herança Cultural e Museologia

## 25 de Abril e a Educação: a memória para compreender e atualizar a mudança



As comemorações de grandes eventos políticos, como as grandes revoluções, têm proporcionado momentos de reflexão historiográfica sobre o significado histórico, o sentido e a mitologização de tais factos ao serviço da afirmação dos estados-nação (Mona Ozouf, 1976; Michel Vovelle, 1976).

Ou seja: quem celebra e o quê, com que finalidade, que segmentos sociais são celebrados.

Como ensinar, como escrever História sem ferir o sentimento nacional, universalista, de minorias ou mesmo de outros povos? Como construir uma narrativa plural, que apresente diversas vozes e tons? Esse é um dos desafios que se colocam hoje aos historiadores, ao celebrar a Revolução do 25 de Abril de 1974, em Portugal.

O nosso objetivo, traduzido no título, foge à questão comemorativa institucional, pois partilhamos o sentimento de dever transmitir essa alegria coletiva, vivenciada, de um progresso lento e doloroso de humanização da nossa sociedade. Vários de nós vivemos, participámos os processos de Abril sob diferentes ângulos e esse tempo-espço das nossas vidas marcou-nos como algo de excepcional, inigualável, que guardamos carinhosamente e que teve repercussões além-fronteiras. A experiência portuguesa foi vista como exemplar. É este sentido de dever de memória, de que nos falam Le Goff, Pierre Nora, (Orgs) 1976, Marc Augé, 1998, entre outros, de narrar, comunicar, não deixar cair no esquecimento, que orienta as XVI Jornadas de História da Educação, Herança Cultural e Museologia. Preservar para melhor analisar e compreender os desígnios, a força, a fé coletiva, a imaginação do que é possível, que nos fez avançar, mudar enquanto grupos e enquanto sociedade no seu conjunto.

Mas o tempo consome sonhos, põe em causa convicções, deixa o campo aberto ao esquecimento, à deturpação, à falsificação. Os arautos da desumanização dividem e enfraquecem as forças que impelem para a construção de sociedades livres, justas e humanizadas. Torna-se, pois, urgente, transmitir as memórias, as emoções, as clivagens, por vezes dolorosas, do 25 de Abril, porque os tempos não vão fáceis para se afirmar a fraternidade. Por um dever de cidadania não basta analisar criticamente, é indispensável para que possamos atualizar a mudança, preservar as experiências, as múltiplas e complexas transformações de que fomos obreiras/os. Certos de que os futuros previstos não correspondem nunca, na sua totalidade, ao presente construído.

A mudança é complexa e na educação exige tempo, dedicação, investigação, ação informada, ponderada e imaginação. Transmitir Abril é desafiar à participação, à invenção, ao melhor de cada pessoa, para que possamos ver “em cada esquina um amigo/em cada rosto igualdade”. Essa foi a nossa crença coletiva, a nossa utopia, que permitiu construir o Portugal de hoje. Atualizar a herança cultural de Abril é quebrar as amarras da indiferença, da anomia e construir com as novas gerações a capacidade de sonhar na maré baixa do desalento, de imaginar uma educação e um conhecimento ao serviço das pessoas, da Paz e do desenvolvimento.

As XVI Jornadas Internacionais de História da Educação, Herança Cultural e Museologia propõem diferentes níveis de narrativas, que possam comunicar a vivência coletiva da alegria, as crenças partilhadas, os esforços e a participação para as concretizar, ao mesmo tempo que as contrasta com os momentos de incerteza que vivemos, o sofrimento provocado pelo genocídio e pelas guerras em diversos países. E é nesse confronto que desafiamos à participação democrática em diferentes níveis e instâncias, à imaginação, para que reencontremos a capacidade de sonhar, construir as convicções, a utopia, que guiará as nossas ações e a nossa vida coletiva no século XXI.

Margarida Louro Felgueiras